

diam os lençóis de café em côco nos terraços, empilhavam nas tulhas, despulpavam nas máquinas, carream até os armazéns dos corretores, eram as mudas vítimas desses tremendos bolsistas.

O café sempre deu pinotes nos mercados. Na sua trágica dialética perpetuamente duas forças se batem, antagonísticas e ferozes: baixistas e altistas. O governo que entra no jogo para defender o produto, não raro fez instrumento do perigoso jogo. Fortunas enormes se verticalizaram em dias. As vezes fulminado pela reação da sorte, bruscos falências reduziram a pó audaciosos bolsistas. O café foi perdendo, nos seus preços, no jogo do seu mercado, toda sua realidade econômica. A mecânica do seu comércio deixou de ter qualquer sentido natural, de lei normal de economia. Viveu do artifício das manipulações do mercado chegando o Brasil a comprar lá fora, no estrangeiro, quando já transformado em nossas magras divisas, partidas de nosso café para levá-lo de novo ao jogo da alta e da baixa, numa inconsciência tão criminosa que bem merece o castigo da catástrofe que nos assola.

Os fazendeiros — operários agrícolas sofrendo nas fazendas, eram a carne passiva de tanta exploração. Ninguém se lembrava de formar uma consciência agrícola para racionalizar os processos de cultura, tornar mais lógica a técnica da produção, fomentar o aumento das safras sem recorrer ao contínuo nomadismo das áreas, criando o que Lobato chamou "a onda verde", espécie de trágico carneiro de formigas vegetais e errantes, devastando, pela falta de técnica, a fecundidade da terra. O fazendeiro sempre foi vítima de certos ministros mancomunados com negociastas do café. A estes se devem nossas crises.

Ouvi, céptico, todos os argumentos dos nossos pseudo-economistas, que trataram do "grave problema do café". Palavras vãs. Enquanto, no seu comércio, e na conquista dos mercados perdidos, não se sair das soluções artificiais e não se entrar na normalidade sadia das leis naturais da economia, os pobres produtores serão vítimas de muitos planos, de muitos discursos e de muitas negociatas. E será o princípio do fim. (D" A GAZETA" de 14-3-55).

Café da var. Caturra, com 3 anos de idade, pertencente ao "Rancho São José", em Itaipua, de propriedade do dr. Antonio de Queirás Telles.

A alegria e a esperança, o pânico e o drama são, no Brasil, o café. Assisti na Câmara, diante da situação lamentável a que nos conduziram os responsáveis pela sua política, aos mais depreciantes debates sobre o nosso supremo caçador de divisas. Lavrador de café que fui, pensei, com pena, na sorte dos meus ex-colegas, nos cafeicultores que morreram nas suas fazendas realizando, nesta parte da América, uma lavoura épica, a maior lavoura sistematizada de todo o universo. Segui o heroísmo de tanto caboclo e colono que derrubou mata, queimou coivaras, souu anos a fio para ver os seus soldados verdes marcharem pelo espigão, à procura da riqueza nacional, dobrarem a escarpa, saltar as aguçadas e valadas e continuar sua marcha gloriosa rumo ao Paraná.

— "O café — dizia-me o inesquecível Pires do Rio — é, no Brasil, trilho de estrada de ferro, gasolina de bomba, livro de estudante, cultura da Universidade, bistrú de médico... O café é a base orgânica do Brasil".

Naquele tempo era. Já oscilava, porém, o seu domínio universal pelos erros que começaram a ser cometidas. Como o café era o centro vivo de toda a nossa economia, tornou-se — luz forte em noite escura que atrai e fascina os insetos — centro de polarização de ávidos negociastas e manipuladores de mercados. Logo depois o café não era mais o grão da rubiácea, perfumado e verde, mas papel, papel de bolsa, ficção, bilhete de loteria, ficha de roleta. E começou o drama!

Vítimas dessas tramóias eram os pobres lavradores torrados pelo sol, às voltas com a seca e com o granizo. Os que colhiam o fruto, esten-

COMPANHIA BANDEIRANTES DE ARMAZENS GERAIS

CAPITAL Cr\$ 60.000.000,00

RESERVAS Cr\$ 19.912.062,50

ARMAZENS PRÓPRIOS

MATRIZ

RUA DO COMERCIO, N.º 43

SANTOS

FILIAIS:

LINS - MARLIÁ - VERA CRUZ - TUPÁ

SÃO PAULO